



ANO I — Julho de 1968 — N.º 2 — Director: Pároco de Esposende - Portugal — Telef. 89291

COMPOSTO E IMPRESSO NA  
Gráf. Editora do Cávado - Esposende

## UMA CARTA

*Meu Caro Padre Manuel:*

*Muito obrigado por me ter enviado o Boletim Paroquial, expressão aberta e preocupante do vosso zelo de Pastor.*

*Exulto com a iniciativa e peço me considere um humilde paroquiano metido no último canto da lista saudosa dos ausentes e com um desejo grande de que a Comunidade Paroquial da linda Vila cresça em consciência e responsabilidade cristãs, se deixe penetrar do Espírito de Igreja e seja una em um só rebanho conduzido pela mão firme e alma sacrificada do seu Pároco.*

*Estou certo, meu Amigo, que ele, o Boletim Paroquial, abençoado pelo Pastor da Arquidiocese, será a presença viva do Padre Manuel em cada lar, o prolongamento do vosso ensino, a chamada constante ao Bom Caminho, o despertar de consciências indiferentes, um apelo amoroso aos de má vontade, um gesto solidário para com a solidão que tortura os ausentes.*

*Apreeiei muito as vossas palavras escritas na apresentação.*

*Sim. O B. P. tem um papel insubstituível que nem a pequena ou grande imprensa podem preencher. Não é um jornal de concorrência, mas de simples convergência das orientações e problemas apostólicos para vivificar e penetrar as atitudes humanas dum espírito de Fé, de Esperança, de Justiça e de Amor.*

*Pois, Padre Manuel, eu o aplaudo e o felicito com a sinceridade dum coração irmão no sacerdócio.*

*Para o B. P. vai a minha oração, a minha assinatura e a minha ajuda monetária.*

*Com um abraço em Xp.*

*Beira, 7 de Junho de 1968*

*Padre João Porto Soares*

Uma das preocupações dominantes do Concílio Vaticano II foi despertar nos fiéis a consciência do grave dever que lhes incumbe de cooperarem com a Hierarquia na implantação e no alargamento do Reino de Deus. Os Padres Conciliares servem-se dos termos mais instantes para inculcarem no espírito de todos os membros da comunidade cristã esta obrigação que assume, nos nossos dias, uma gravidade especial.

Até há pouco, ainda podiam ser considerados bons católicos aqueles que cumpriam os preceitos da assis-

## MISSÃO E RESPONSABILIDADE

tência à missa dominical e da desobriga, que tiravam as bulas e pagavam a cõngrua ao pároco; o Concílio veio recordar que para os verdadeiros fiéis há outros deveres muito graves a cumprir, tais como: a participação activa nos actos do culto (sobretudo no Santo Sacrifício da Missa), e no apostolado hierárquico.

A vocação cristã implica por sua própria natureza a vocação ao apostolado, de tal modo que não pode considerar-se bom cristão aquele que vive desinteressado do destino eterno dos seus irmãos e dos problemas da difusão da Mensagem Evangélica que cada um deve incarnar na sua vida e transmitir no meio em que vive. O apostolado faz parte integrante da vida cristã.

Até há pouco julgava-se que trabalhar em obras de Apostolado era uma espécie de Luxo na vida cristã, reservada a um escol reduzido de almas que tinham maior grau de formação e mais disponibilidades de tempo. O Concílio ensina que se trata de um dever grave que a todos incumbe, não somente aos Bispos e aos padres, embora em grau diverso segundo as possibilidades de cada um.

Inscritos pelo Baptismo no Corpo Místico de Cristo e robustecidos pela Confirmação com a força do Espírito Santo, é pelo mesmo Senhor que somos destinados ao Apostolado. Os fiéis são sagrados em ordem a um sacerdócio real e a um povo santo para que as suas actividades sejam oblações espirituais e por toda a Terra dêem testemunho de Cristo.

Ao sacerdócio ministerial dos padres fica reservada a evangelização e santificação das almas; ao sacerdócio

(Cont. na pág. 2)



Há dez meses que me encontro convosco. Conforme é lei geral, estes primeiros tempos teriam que decorrer sob um ambiente de adaptação e de conhecimento das pessoas e das coisas. A pouco e pouco temos vindo a adquirir algumas coisas de mais urgente necessidade, a dispor tudo a nosso contento, ou duma maneira sofrível, enquanto vamos examinando as possibilidades em dar realização aos nossos planos.

A nossa atenção terá que incidir sobre o campo espiritual e o material.

Neste rumo teremos que conservar tudo que se encontra bem e actualizar ou substituir o que esteja menos certo, ou tenha cansado. Assim, teremos que dar uma organização eficiente à catequese—base de tudo—, e que não pode continuar conforme se tem processado

## Conversando

nestes primeiros meses. É um problema confrangedor. A sua solução exige a satisfação de outras condições de lugar e de tempo.

Impõe-se-nos pensar [muito a sério na juventude, dando vida à secção da JOCF. e criando, talvez, o Escutismo para os rapazes. Os cursos, encontros, recolções ou retiros são indispensáveis à formação da juventude.

Muito nos custa ouvir dizer aos jóvens, que seus pais os não deixam frequentar um retiro. Que mentalidade!

Os homens ou senhoras aproveitarão, eficazmente, os cursos de cristandade, a Confraria do SS.<sup>mo</sup> e as conferências de S. Vicente de Paulo.

Para os pescadores seria nosso ardente desejo criar um Clube Stella Maris. Será possível? Julgamos que sim.

Estamos conscientes que devemos criar aquelas obras que sejam necessárias, adequadas ao meio e a que possamos assistir. Não vamos fundar hoje uma obra que amanhã deixaremos morrer, por falta de tempo em lhe assistirmos.

Sob o aspecto material é pesada a tarefa que tencionamos realizar e que o desgaste implável do tempo nos impõe. Assim, ocuparia o primeiro lugar a construção de um Salão Paroquial com salas para a catequese e reuniões. Além disso, na nossa Igreja Matriz, teremos a adaptação do Altar-mor (voltado para o povo), o arranjo exterior e interior das paredes, um soalho ou pavimento novo, retoques ou douramento de altares, arranjo do baptistério e da sacristia, aquisição de paramentos, armários, etc..

Embora sem um mínimo de exigência da nossa parte impõe-se também um restauro da residência paroquial.

Sonhamos ainda com a criação de um Museu de Arte Sacra, na medida das nossas possibilidades, cuja concretização não se nos afigura difícil, nem longínqua.

Perante tudo isto, com todas as pequenas coisas que vão surgindo no decorrer do tempo, só devemos conhecer a energia do aforismo: querer é poder.

Confiamos no sacrifício e na boa compreensão de todos, na generosidade dos mais remediados e na recordação dos que não têm herdeiros forçados. Estes, com certeza, lembrar-se-ão de que somos simples administradores e que devemos enriquecer a nossa alma com o mérito da esmola para fins religiosos ou de caridade.

Coragem, persistência, compreensão e economia de todos os recursos materiais, e ganharemos a batalha.

## MISSÃO E RESPONSABILIDADE

(Cont. da pág. 1)

comum dos leigos pertencerá a instauração ou animação cristã da ordem temporal, isto é, a consagração do Mundo, levando Cristo por toda a parte e não o fazendo um prisioneiro dos templos.

Uma religião individualista, feita de ritos exteriores, de fórmulas e devoções mais ou menos adocicadas, sem projecção na vida de cada dia e que não inspira preocupações apostólicas, é uma religião vazia, não honra a Deus nem salva as almas, incorrendo na condenação do Evangelho que declara inútil a Luz que não ilumina e o sal insípido que não preserva da corrupção!

Sendo a caridade o maior e o primeiro dos mandamentos, é certamente anticristã a atitude daquele que guarda a sua fé para sua vantagem exclusiva, sem ter a preocupação de a transmitir.

Se o evangelho afirma, em termos tão incisivos, o dever de irmos ao encontro das necessidades materiais dos famintos, dos sequiosos, dos doentes, dos nus e encarcerados, a ponto de fazer depender a nossa salvação da maneira como cumprirmos estas obras de caridade, não será ainda *incomparavelmente mais grave* a obrigação de procurarmos socorrer as necessidades espirituais daqueles que nos rodeiam?

O Divino Mestre diz expressamente que não reconhecerá como Seu discípulo aquele que se envergonhar de O confessar perante os homens.

Mas não se trata apenas de defender a Igreja, mas sim do dever de proclamar a verdade e de colaborar na construção do Reino de Deus, procurando pelo exemplo e pela palavra inserir o Evangelho nas actividades temporais, nas instituições políticas e nas estruturas económicas.

E o Concílio, no Decreto *O Apostolado dos Leigos*, indica o caminho a seguir, dizendo: Os leigos realizam esta missão da Igreja no Mundo, antes de tudo, por aquela *coerência de vida com a fé*, pela qual se tornam Luz do Mundo; pela *honestidade nos negócios*, com a qual a todos atraem ao amor da verdade e do bem e, finalmente, a Cristo e à Igreja; pela *caridade fraterna*, que os faz participar das condições de vida, dos trabalhos, dos sofrimentos e aspirações dos seus irmãos; e pela consciência da *participação activa na construção da sociedade*, a qual os leva a esforçarem-se por desempenhar com magnanimidade cristã a actividade doméstica, social e profissional.

Eis porque, quem ensina a catequese ou é militante em qualquer obra de apostolado, não faz um favor ao pároco, mas cumpre um dever grave da sua vida cristã.

Se todos os cristãos seguissem esta norma traçada pelo Concílio as comunidades de vida, a ordem política e económica, quer no plano nacional, quer no domínio das relações entre os povos, seriam dentro em breve transformadas de forma a serem insufladas pelo espírito cristão.

Tal é, em breve resumo, a tarefa gigantesca, mas gloriosa, que incumbe ao *Laicado* católico segundo a Vontade divina interpretada pelas determinações do Concílio.

— *Cristão que não é apóstolo, é apostata.*



# Movimento Religioso

EM JUNHO

## Baptismos:

Dia 2 - João Daniel da Costa Pinheiro, filho de Daniel Canas Pinheiro e de Maria da Conceição Gonçalves da Costa, residentes na rua Dr. Trigo de Negreiros, n.º 15.

- Luís Miguel Eiras Viana, filho de Ramiro Gomes Viana e de Eugénia André Eiras, residentes na rua Narciso Ferreira, n.º 3

Dia 5 - Rui Manuel Bermudes Cohen, filho de Maturino dos Reis Cohen e de D. Maria Fernanda de Barros Bermudes, residentes na rua Dr. Trigo de Negreiros, n.º 48.

Dia 23 - Maria Fernanda Jorge Gonçalves Mó, filha de José Aníbal Loureiro Gonçalves Mó e de Maria Fernanda Gonçalves Jorge, residentes na Avenida Rocha Gonçalves.

- Maria Eduarda da Silva Lopo, filha de Manuel Gonçalves Lopo e de Maria Isabel da Silva Ramos, residentes na rua João de Freitas, n.º 4.

- Maria de Fátima da Silva Lopo, (irmã gémea da anterior).

- João Paulo Sá de Barros, filho de Alfredo Jorge Vila-Chã de Barros, e de Maria de Fátima Moreira de Sá, residentes na Avenida c/nco de Outubro, n.º 5.

Dia 30 - António Jorge de Sá Gomes, filho de António Martins Gomes e de Maria das Dóres Moreira de Sá, residentes na rua Vasco da Gama, n.º 23.

## Casamentos:

Dia 29 - Manuel da Silva Coutinho, natural de Fontes - Santa Marta de Penaguião, filho de Maximino Coutinho e de Elvira Pires da Silva, com Maria Manuela Moreira Pereira, natural desta vila, filha de António Barbosa Pereira e de Delfina Gonçalves Moreira.

## Óbitos:

Dia 12 - Maria Helena Alves Durães, de quatro meses de idade, filha de José de Sousa Durães e de Maria da Conceição Magalhães Alves.

- 25 Fernando Joaquim de Almeida Matos, ferreiro, casado com Maria Otilia de Jesus Neto de 69 anos de idade, natural de S. Martinho de Vila Frescaíinha - Barcelos, residente nesta vila, na rua António de Abreu.

# Ano da Fé

No dia 29 de Junho, festa de S. Pedro e S. Paulo, encerrou-se o Ano da Fé. Mas a Fé continua, prossegue, mais compreendida, mais sentida e mais vivida. Este deve ter sido o fruto de um ano de meditação sobre a vida e o exemplo dos

# Noticiário

■ No dia 15 de Agosto p. f. realizar-se-ão as tradicionais festividades em honra de Nossa Senhora da Saúde, cujo o programa publicaremos no próximo número.

■ Do país e do estrangeiro recebemos algumas cartas de felicitações e votos de aplauso pela fundação deste Boletim Paroquial.

Escolhemos para este número a carta do Sr. Padre Porto Soares, saudoso ex-pároco desta Vila mas daremos notícias doutras nos números imediatos.

■ Ao iniciar o programa de folclore na R. T. P., apresentado no dia 22 de Junho f. p., com a exibição da Ronda de Vila-Chã—Esposende, foi apresentado no écran da T V a capela-mor da nossa Igreja Matriz.

■ Nos meses de Julho, Agosto e Setembro a missa será celebrada às 19 horas.

■ Estão de parabéns todos os pescadores, que tão brilhantemente levaram a efeito as solenidades religiosas em honra de S. João.

dois grandes monumentos da nossa Fé: Pedro e Paulo.

Diz-se que a Fé está em hora de crise. De princípios?

Não, que estes são eternos. De homens? Talvez, por certo.

A celebração colectiva do Ano da Fé, no nosso arceprestado, decorreu brilhantemente.

Sentimos duma maneira extraordinária o resultado do Encontro de catequistas. No domingo seguinte a nossa catequese era ministrada debaixo dum silêncio admirável e respeitoso. Havia nela muito de novo. Assim, sim. Vale a pena perseverar.

Vendemos, nesta vila, cento e trinta volumes do Novo Testamento.

A Concelebração, que teve lugar no dia 15, à tarde, deixara saudades em todos os corações, e uma fé mais viva em todas as almas.

Presidira à Concelebração Sua Ex.ª Rev.ma o Senhor Arcebispo Primaz, nosso Mestre da Fé, que não se afastou de nós, sem que nos prevenisse largamente dos perigos de novas doutrinas, explicando este pensamento: Igreja renovada... sim, Igreja nova... não.

Oxalá que todos sintamos os benefícios destas comemorações solenes e colectivas do Ano da Fé, vendo surgir, ou aumentar nos nossos cristãos uma Fé verdadeira e esclarecida, firme e heróica, livre e conciente, pública, individual e colectiva, viva e prática, informante e não informada.

- «Todos os leigos são chamados a concorrer para o crescimento da Igreja e sua contínua santificação» de contrário serão membros mortos.



# Os nossos Benfeitores

Pelo número anterior ofereceram:

- 5\$00—Eduardo Viana, Artur Rego, Manuel Felgueiras e Eugénia Evangelista.
- 2\$50—Manuel Martins Ferreira, Álvaro B. Ferreira, Abílio M. Figueiredo, Isaura Lopes, Madalena Gaspar, Fernanda Lopes, D. Maria Sobral Torres, Manuel Silva Pinto, Celestino Gonçalves Zão, António Gonçalves Zão, António C. Zão, Júlio Caldas Amorim, Maria José R. Santa Marinha, Maria de Fátima Dias de Castro, David André Eiras, Manuel da Silva Vilas Boas, Maria do Sameiro Laranjeira Pérola, Ortência Viana, Maria de Lurdes F. da Costa e dois anónimos.
- 2\$00—Silvana A. da Silva, João Pinheiro Loureiro, Jandira Neves e Armindo F. Gomes.
- 1\$50—José Costa, Maria dos Anjos Coutinho, Mário M. Henriques e Maria Angélica.

Pelo primeiro ano ofereceram:

- 60\$00—Manuel L. R. de Areia.
- 50\$00—Fernando Marques B. Rego, Artur Boaventura Rego e Jaime Tavares Ferreira (Estados Unidos).
- 20\$00—Joaquim Braga, Manuel Dias Ferreira, Cândido Loureiro Basto, João Baptista de Sá e António M. dos Santos Portela
- 15\$00—D. Isabel Quaresma Gomes.

Obs: São considerados benfeitores todos os que oferecerem mais de um escudo por cada número deste boletim.

A todos apresentamos o nosso muito obrigado.

## SUGESTÕES E PEDIDOS

Pedimos a todos os leitores deste Boletim para nos apresentar as suas sugestões, assuntos religiosos que prefiram, perguntas para darmos resposta, etc.

Pedimos também aos que têm familiares ausentes que nos dêem o respectivo enderêço, a fim de lhes enviarmos este Boletim.

Aconselhamos a colecção de todos os números deste Boletim. Quem tiver conhecimento da sua existência e o queira receber todos os meses, façam-nos o respectivo pedido. A quem não interessar pedimos o favor de o devolver, por caridade, para evitar despesas.

Do primeiro número apenas um nos foi devolvido.

# JOVENS

Quem não conhece Anne Frank e o seu maravilhoso diário?

Era uma jovem judia que aos 13 anos se viu encerrada num abrigo para escapar ao anti-semitismo alemão. Sem ar livre, sem divertimentos, tinha de suportar os «adultos», não desesperar frente aos seus defeitos. Anne fechou-se sobre si mesmo. Daí a espantosa obra que é o seu Diário, fruto da sua reflexão interior.

Mas apesar da vida, o amor, a pessoa lhe «cheiram a bafio», Anne Frank soube apreciar a beleza ex-

## A Natureza para Anne Frank

terior e colocar nela Deus. Anne morreu em Março de 1945, no campo de concentração de Bergen-Belsen, depois de ter sido descoberto o esconderijo. Viviam no sótão duma casa, cuja entrada estava dissimulada por uma estante de livros. Tinha 15 anos.

Jovem como nós, mas compreendeu certamente melhor a acção de Deus na natureza, a sua beleza, que por vezes desprezamos. Analizemos e procuremos saborear este pequeno trecho, extraído do seu diário:

«Ao olhar lá para fora e ao reconhecer Deus na natureza, senti-me feliz. Oh, Peter (companheiro do infortúnio), enquanto esta felicidade está em nós, esta felicidade da natureza, da saúde e muitas coisas mais, enquanto formos capazes de conservar tudo isto em nós, a felicidade voltará sempre de novo! Fortuna, fama, tudo podes perder, mas a felicidade de coração, ainda que por vezes esteja abscurecida, torna a vir enquanto viveres. Enquanto puderes erguer os olhos para o Céu sem medo, saberás que tens o coração puro e isto significa felicidade».

Anne Frank

— «Os leigos são especialmente chamados a tornarem a Igreja presente e activa naqueles locais e circunstâncias em que só por meio deles ela pode ser o sal da Terra».